



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após Reunião de Cúpula do Ibas**

**Joanesburgo – África do Sul, 17 de outubro de 2007**

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Sobretudo porque trabalhamos a questão nuclear com interesse de cumprir todos os protocolos que existem no seio das Nações Unidas, com forte apelo da utilização com finalidade científica e, ao mesmo tempo, mostrar ao mundo que é possível que países responsáveis, sérios, possam fazer acordos nucleares sem causar pânico a quem quer que seja.

**Jornalista:** Presidente, o senhor falou em afinidades entre os três países, entre os líderes dos três países. Nesta semana vazou um documento do governo indiano, em que nesse documento o governo indiano propõe tarifas mais baixas que as propostas pelo Brasil na questão dos subsídios, na questão dos produtos importados como ponto de partida aos subsídios. Eu gostaria de saber se esse estudo do governo indiano pode influenciar a decisão do governo brasileiro. Outra questão é a conversa de ontem, do senhor com o presidente Bush. Nesta viagem pelo continente africano, o senhor fez duras críticas aos Estados Unidos e à União Européia. Eu quero saber se o senhor usou o mesmo tom na conversa reservada com o presidente Bush. Obrigado.

**Presidente:** Bem, com relação ao documento que você disse que vazou na Índia, se há um documento vazado e não divulgado pelo governo, eu não posso ter como documento oficial. Se é um documento oficial, Índia e Brasil têm maturidade suficiente para saber resolver as suas divergências numa mesa de negociação. Agora, eu não conheço o documento. Segundo, eu não



fiz duras críticas aos Estados Unidos e à União Européia. Eu fiz apenas a constatação das coisas que estão acontecendo na Rodada de Doha e eu tenho dito os números. Ou seja, na questão do acesso ao mercado agrícola europeu, os números propostos pelos europeus não estão claros, tem muitas coisas que não estão definidas. A questão do subsídio, quando se propõe de 13 bilhões a 16 bilhões e meio, você tem uma propensão a ficar na margem de 16. O que eu disse ao presidente Bush é que, no ano passado, os subsídios dos americanos foram de apenas 11 bilhões, por que propor 17, agora, 16, 13? E com muita franqueza, nós não estamos fazendo as negociações num clube de amigos. Ali são interesses de Estados contra interesses de Estados e nós estamos tentando construir um consenso que seja, pelo menos, a mediana do que pensam os países, para que os mais pobres saiam ganhando, para que os países em desenvolvimento ganhem um pouco menos, mas que quem ceda seja os países ricos. Ora, do jeito que está proposto, o que eles estão propondo para que nós cedamos em produtos industriais, é muito mais do que eles querem ceder na questão agrícola.

Então, nós estamos muito tranqüilos. Essa conversa que eu tive com o Bush antes, já tive com o Gordon Brown, já tive com Angela Merkel. O primeiro-ministro Singh teve com o Bush, o presidente Mbeki teve com o Bush. Ou seja, todos nós estamos conversando todo santo dia com todo mundo, por telefone, para ver se encontramos um número. Agora, negociação... como eu já vivi muitos anos em negociação, tem tempo pra tudo. Tem tempo para você fazer pressão, tem tempo para você esconder os números, tem tempo para você começar a colocar a pontinha da carta fora do bolso.

O dado concreto é que África do Sul, Índia e Brasil estão com total disposição de fazer o acordo na Rodada de Doha. Vamos trabalhar para que aconteça esse acordo. Agora, é preciso que se leve em conta duas coisas: os países mais pobres precisam ter acesso ao mercado agrícola dos países ricos, e os países ricos não podem asfixiar a possibilidade de desenvolvimento



industrial dos países mais pobres. O que nós queremos é o equilíbrio, e foi exatamente sobre isso que eu conversei com o presidente Bush e vou continuar conversando com todas as pessoas porque eu tenho interesse em fazer o acordo. Agora, o que é importante para mim é que Índia, Brasil e África do Sul estão de comum acordo com esse nosso comportamento na negociação de Doha.

**Jornalista:** (em inglês)

**Presidente:** Primeiro, quero dizer que a África do Sul não só é muito bem-vinda ao G-4, como a África do Sul (inaudível) países que nós temos certeza de que precisa estar no Conselho de Segurança da ONU como membro permanente. O que nós estamos propondo é uma coisa muito razoável. O Conselho de Segurança, tal como está, não representa a nova geopolítica estabelecida no mundo. Segundo, tem muitos países novos que ganharam destaque, que se transformaram em países importantes no seu continente, e nós achamos que é necessário que todos aqueles maiores representantes de cada continente estejam no Conselho de Segurança, para que quando o Conselho de Segurança tomar uma decisão, essa decisão seja implementada e respeitada. Nós não podemos mais ver acontecer, na ONU, o que aconteceu na guerra do Iraque. Se a ONU não tiver uma posição de deliberar e fazer acatar, ela vai perdendo credibilidade e aí não tem mais sentido um órgão da importância das Nações Unidas.

Então, num primeiro momento, o que nós queremos é aprovar que tenha reforma da ONU, que tenha um consenso. Mas aí tem gente que levanta a idéia de que não pode ter membro permanente ou pode ter membro permanente, (inaudível) ao veto, ou seja, direito de veto. Eu, pelo menos, sou contra o veto. Ninguém é superior a ninguém, portanto, ninguém tem o direito superior de vetar uma decisão do Colegiado. Segundo, nós não estamos



escolhendo ainda quem é que vai para o Conselho de Segurança. Primeiro, nós precisamos aprovar a reforma, estabelecer os critérios da reforma. Aí, sim, com os critérios aprovados, você vai, então, escolher, em cada continente, qual é o país que quer participar.

O Brasil deixa claro que quer participar, a Índia deixa claro que quer participar, a Alemanha deixa claro que quer participar, o Japão deixa claro. Eu acho que o continente africano precisa ter dois ou mais representantes, porque é um continente muito grande; eu acho que a América Latina precisa ter representante.

Bem, obviamente que quem está acomodado lá não quer mudar. Mas nós achamos que o mundo exige e precisa de mudança nas Nações Unidas, para o bem da própria ONU e para o bem da paz que todos nós prezamos. E as instituições multilaterais podem fazer infinitamente mais do que estão fazendo (inaudível).

**Jornalista:** Eu gostaria que os senhores, senhores presidentes, senhores primeiros-ministros, por favor, explicassem um pouco melhor como será esse relacionamento Sul-Sul, não só entre os três países, mas também envolvendo os outros países dos outros continentes, que hoje não estão aqui representados.

E, presidente Lula, eu gostaria de perguntar ao senhor: quando o senhor diz que os pobres não vão ser sobremesa na mesa dos ricos, se o senhor está querendo dizer, o senhor usou uma nova forma para falar que “o povo unido jamais será vencido”? Será que é isso?

**Presidente:** Apenas uma correção, para não ficar na minha boca o que você afirmou. Eu não disse que os pobres não serão sobremesa na mesa dos ricos, não disse. Eu disse que nós não gostaríamos de ir para a reunião apenas para comer a sobremesa, quando eles já tinham comido o prato principal antes de



nós chegarmos. É totalmente diferente da sua pergunta. Isso está escrito no meu discurso. Nós não queremos participar apenas para comer a sobremesa, queremos participar para comer o prato principal também e a sobremesa, e depois tomar o cafezinho, se for possível.

Com relação aos acordos e à participação dos países Sul-Sul, nós vimos vários e vários fóruns criados no mundo inteiro, em que participam os países do Sul. O Ibas é um movimento criado por três países. Nós ainda estamos amadurecendo o Ibas, ou seja, é a segunda reunião, está muito novo ainda, está amadurecendo rapidamente, mas nós já estamos propondo o acordo do Mercosul com a Sacu e com a Índia. Nós estamos propondo um acordo que possa beneficiar, com tarifas menores, os países mais pobres da África. Nós temos acordos com outros países que pertencem ao Sul, diferenciados.

O que nós queremos é fortalecer, cada vez mais, a relação Sul-Sul. Acho que nós nos conhecemos pouco, acho que nós precisamos intensificar as nossas relações para que a gente possa, um dia, conquistar o mesmo padrão de qualidade de vida que têm os países do Norte.

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Eu acredito que é importante fazer uma viagem no tempo para compreendermos a importância do Ibas. O Ibas não tem tempo para acabar. Se um dia o mundo não precisar de países que façam projetos para ajudar os mais pobres, poderemos não precisar do Ibas.

Mas vejam o que está acontecendo: a África do Sul, não faz muito tempo, era apenas um país receptor de ajuda de organizações do mundo inteiro e de governantes de muitos países do mundo. Muita gente tinha programa social aqui, na África do Sul. A Índia também era um país que tinha muitos movimentos internacionais de solidariedade, ONGs ajudando financeiramente várias entidades. E o Brasil também era um país receptor, até



outro dia. Ou seja, ainda hoje tem muitos e milhares de projetos de ajuda a entidades da sociedade civil no Brasil.

A mudança que houve é que nós estamos deixando de ser países receptores de ajuda internacional para nos transformarmos em países doadores de ajuda internacional. Este é o grande fato: é que nós três, economias emergentes, temos muitos problemas internos em cada um dos nossos países, temos muita pobreza, ainda recebemos críticas internamente de alguns que dizem: “Como é que vocês estão ajudando Guiné Bissau ou o Haiti, se tem tanta miséria no Brasil, ou na África do Sul, ou na Índia?”. É porque nós estamos provando que mesmo sendo países pobres, nós poderemos repartir um pouco do pão que temos com quem tem menos pão do que a gente.

Então, o fato de as Nações Unidas terem premiado o projeto Ibas e o nosso programa em Guiné Bissau e no Haiti é motivo de orgulho, porque significa que começamos pequenos, mas começamos certo. Logo, logo, o Brasil vai poder colocar mais dinheiro, a África do Sul vai poder colocar mais dinheiro, a Índia vai poder colocar mais dinheiro, e logo, logo, nós teremos um fundo com a quantia em dinheiro razoável para ajudar as pessoas mais necessitadas. Portanto, se depender de mim, o Ibas é para sempre.

**Jornalista:** (inaudível)